

MILHA 12

GAZETA COOLTURAL DE GENTE LIVRE



Número 6
Maio de 2025

"Longe do ponto de partida e ainda mais longe do ponto de chegada."

Ilustração: Matos Barbosa



- ALEGORIA da Primavera -
seg. SANDRO BOTTICELLI

Matos Barbosa
3.2025

AB INITIO

UM MILHA12 NÃO FAZ A PRIMAVERA, MAS...

Chegámos à meia dúzia! Paulatinamente, às vezes periclitantemente, o Milha 12 vai fazendo o seu caminho.

Como temos dito, a principal dificuldade do jornal tem sido a sua distribuição. Leitores e colaboradores abnegados vão levando exemplares que distribuem por colegas, conhecidos e amigos. Apesar de toda a boa vontade, sentiu-se que era poucoquinho.

O exemplar que o leitor tem nas mãos aparece fruto de uma colaboração com o centenário jornal Correio de Azeméis. É um suplemento deste semanário, editado pelo mesmo diretório coletivo, com a mesma autonomia e independência. A parceria estabelecida assim o garante.

Este número fugiu ao habitual e tem um tema. “É primavera!” foi o desafio lançado aos nossos colaboradores. E surgiu de tudo: poesia, prosa, fotografia, desenhos. Coisas mais líricas ou menos poéticas: a Primavera dos Povos de 1848 e a nossa primavera de abril (será, mesmo, menos poética?)

Vamos manter o compromisso original de, em todas as estações do ano, levar aos leitores (agora são muitos mais!) uma “gazeta cooltural de gente livre”!

Façam -lhe bom proveito!

Diretório Coletivo

**OMG
ATÉ ONDE ELES
CHEGARÃO COM
ESTA AMBIÇÃO ?!**



Pintura: Sandra Silva



VOZES DE ABRIL

Abril é sempre um convite à reflexão, à memória e ao compromisso com o que ainda falta conquistar. A voz de Zeca, com as suas palavras de luta e de amor, continua a ecoar, e lembra-nos que a liberdade não é apenas um marco histórico, mas uma construção diária.

E sim, ainda há tanto por fazer. As promessas incumpridas pesam, e a urgência do agora exige ação, não apenas discursos. A fome, a habitação, a saúde, a educação – direitos que deveriam ser garantidos e não perpetuamente adiados.

Afastar os "vampiros" não é apenas uma metáfora: é um apelo para sermos vigilantes contra as novas formas de censura, contra o silenciamento travestido de moralidade ou conveniência digital. Participar de uma sociedade em rede deveria significar diálogo e troca, não linchamentos virtuais ou exclusões sumárias.

Abril traz consigo o peso da memória e a força da promessa. Mas promessas só fazem sentido quando cumpridas. Que abril nos inspire a não aceitar menos do que aquilo por que tanto se lutou.

Paulo Monteiro

Da primavera, cuja aparência é brilhante...

Os relógios marcam a hora exata: são nove horas e um minuto, dia 20 de março de 2025. Para nós, que vivemos a norte do equador, o equinócio (no seu sentido literal, “*noites iguais*”), marca o fim do inverno, a estação sinónima de mau tempo, de abatimento, às vezes de fome. Consta que, naquele dia, é tão exemplar e perfeito o equilíbrio entre o dia e a noite que, qualquer um de nós, no momento exato e rigoroso, consegue equilibrar um ovo numa superfície lisa e plana. A metáfora torna perceptível a chegada da primavera, o *primero verão* dos romanos, que vai durar até ao solstício de junho.

O tempo é de renascimento da natureza, de fertilidade e de abundância, de asseio e esmero das casas, lavadas e arejadas, de janelas abertas depois do negrume do inverno. Em três movimentos de violinos e de orquestra, acompanhados por um soneto, Vivaldi descreveu a primeira estação com a água a jorrar das fontes, com um temporal e alguns trovões, muitos pássaros a cantar. Mas como acontece com os chapéus e com o voo livre das andorinhas, primaveras houve muitas ao longo dos tempos e nem todas foram semelhantes às do padre italiano. A maioria delas rompeu com mil flores, numerosas e simultâneas, a desabrochar em lugares e épocas distantes, assegurando a passagem do tempo e os ciclos da vida e da natureza.

Alguém pôs em relevo que a primavera é a estação mais oportuna para atirar para cima da mesa a revolução. Claro que revoluções as houve em todas as estações do ano – são celebradas, entre muitas, as de outubro na Rússia ciclópica ou em Portugal, quando era monárquico e se tornou verde e rubro. Mas muitos de nós, quando nos vamos aproximando do pino do verão, vemos à nossa frente as revoluções que irromperam na primavera: a da *primavera dos povos*, em 1848; a da *primavera de Praga* e a de *Maio*, em 1968; ou a da *primavera árabe*, em 2010.

Também tivemos algumas *primaveras* aqui por casa, como das lutas de estudantes de Coimbra e de Lisboa, em 1962 e em 1969, ocorridas antes da desenxabida *primavera marcelista*, que nos iria levar até ao 25 de abril, uma revolução singularmente estimada como primaveril.

Alguns desses caldeirões revolucionários mudaram para sempre países e continentes, como aconteceu com a onda que varreu a Europa no ano (1848) em que Marx e Engels escreveram um manifesto que começava assim: *Anda um espectro pela Europa – o espectro do comunismo*.



ilustração: PM

Todos os poderes da velha Europa se aliaram para uma santa cruzada a este espectro: o Papa e o Czar, Metternich e Guizot, radicais franceses e alemães. Republicanos e socialistas, nacionalistas e românticos, burgueses e proletários, em dezenas e dezenas de países europeus, depuseram Reis e atacaram outros manda-chuvas que tinham voltado ao poder com a queda de Napoleão e com a Santa Aliança. No meio de pragas, como as da batata, e de secas prolongadas, os pobres do campo e da cidade levantaram barricadas por todo o lado – em França, na Itália, na Hungria, na Alemanha, na Áustria, na Polónia... Essas revoluções foram, como costuma acontecer com frequência, apressadamente reprimidas, com milhares de mortos e milhares a fugir de casa.

Luís Napoleão Bonaparte, com o 18 de Brumário, acabou com a República em França e fez regressar o Império, enquanto a servidão foi abolida na Áustria ou na Hungria e a monarquia absoluta desapareceu na Dinamarca. Apesar de tudo, durante aquele ano vertiginoso, entre triunfos e derrotas, promessas, compromissos, desânimos e prostrações, os povos mudaram a Europa...

Rui Gomes





O FORMIGA



O Formiga teria um metro e meio de altura, se tanto. Muitos daquele lugar eram conhecidos por uma alcunha. Ele era “o Formiga”, assim mesmo, sem mais. Poderia ser o sr. Oliveira, o sr. Gonçalves, o Ti Artur, o Ti Luis. Mas não ele. Era simplesmente “o Formiga”.

De baixa estatura já o dissemos. Corpo de miúdo, vestindo sempre de cotim azul, de um azul-escuro acentuado pelo uso. Na cabeça uma boina basca, preta. Calçava botas de atanado, grossa sola. Ensebadas. Tez escura. Seria o perfil de uma formiga em corpo de humano? Terá daí advindo a alcunha? Passados muitos anos desde que o conheci, era eu garoto, nunca pensei nessa ligação.

Dou comigo, agora, a pensar que sim.

Ainda não o disse. Digo agora: o Formiga foi vidreiro. Uma das muitas formiguinhas que labutavam nas artes do vidro. Ora de dia, ora de noite, ora entre a noite e o dia, ora entre o dia e a noite. Os turnos assim ditavam. Formigas que partiam do Calvário, de Cidacos, de Lações, de Bustelo, de S. Roque, de Santiago de Riba-UI, de UI, de Macinhata da Seixa, de Pindelo, de Pinhão, de Vilar e muitos outros lugares. Caminhos de ida e volta percorridos a pé, uns, de bicicleta pedaleira, outros. Em tempos de canícula ou de gélidas madrugadas ou manhãs. Percorrendo caminhos estreitos e escuros, pedregosos, lamacentos. Em dias de temporal só os clarões dos relâmpagos iluminavam por instantes a rota. A memória ínsita nos pés era o bastante.



Voltando ao Formiga e à sua condição de vidreiro de muitos anos. Pareceu-me que era pouco falador. Na presença de outras pessoas fazia uns esgares ou tiques com a boca e o queixo e balbuciava umas palavras monossilábicas. Pois, formiga que se preze, trabalha, não tagarela.

Dele, do Formiga da minha terra, que partiu para outra dimensão há décadas, conta-se, como uma lenda que se agarra à pele do personagem. Aqui vai. No centro da vila havia uma “Leitaria” (hoje dir-se-ia pastelaria) em que os operários, os jornaleiros ali não tinham assento. O patrão do Formiga era cliente habitual e, muitas vezes, acompanhava-se do seu cão de estimação. Um dia, o Formiga, vá lá saber-se a razão, entrou na “Leitaria” e postando-se próximo do patrão bradou mais que os habituais monossílabos: “Há cães que têm mais sorte que os trabalhadores!”. Na fábrica recebeu a sentença: duas semanas de castigo sem direito a férias, ao salário.

Consta, agora, que o Formiga e muitos outras formigas vieram de outros mundos assistir ao esboroar da fábrica “A Boémia”, fábrica que, de certa forma, também foi deles. Nas suas mentes, a frase bíblica “ganharás o teu pão com o suor do teu rosto”.

Interrogo-me: a tez escura do Formiga seria genética ou fruto do calor abrasante dos fornos de onde, em cadinhos, jorrava o incandescente e líquido vidro que, mãos hábeis transformavam em peças únicas, irrepetíveis?

Carlos Cunha / Março 2025

OUTRO LUGAR

Luis Barbosa

Olhares que se perdem em ondas de fumo
Segredos guardados em lugar nenhum
E o tempo que passa sem sentido algum
Um barco no mar perdido sem rumo

Palavras caladas, sentidas por dentro
Um corpo despido, cansado e ferido
E a espera eterna por mais um momento
O mar encajado na cor do olhar

Sorrisos pintados em horizontes sem chão
Um pedaço de terra que se perde dos pés
E a voz que se cala ao perder a fé
O passado agarrado à palma da mão

Caminhos alados, perdidos no espaço
Estrelas cadentes sem luz nem regaço
E a lua que dança sem passo ou compasso
Um deus que adormece sem manto nem laço

É a vida que passa como um sopro no ar
São os que nos deixam para não mais voltar
É o silêncio da ausência nas horas que passam
E as memórias que pesam e não nos largam da mão...



O MILHA 12
É FEITO POR
GENTE DE PÁS!



Indefectíveis

Luís Quintino



ilustração: PM

Perguntei a um programa de IA o que é a Democracia e ele respondeu: “Um sistema político em que o poder está nas mãos do povo, permitindo que os cidadãos participem na tomada de decisões governamentais.” Até aqui, tudo certo. Mas o tal “motor de busca” acrescentou: “Geralmente, isso ocorre através de eleições livres e justas, onde os indivíduos escolhem os seus representantes ou votam diretamente nas questões políticas.”

Quando, teimosamente, o questioneei acerca dos princípios fundamentais da Democracia, uma das respostas que obtive foi a seguinte: “Estado de Direito, onde todos, incluindo os governantes, estão sujeitos à lei, garantindo justiça e transparência.” E é aqui, onde à primeira vista tudo parece pacífico, que começam os problemas. Sem colocar em causa o sistema democrático, que é o melhor de entre todos os que se conhecem, mesmo as democracias mais recentes começam a ceder nos temas da justiça e da transparência.

Todos os que concorrem a cargos públicos têm vida própria, onde, em muitos casos, ganham muito dinheiro. E ninguém tem nada com isso. Porém, depois de se entregarem à causa pública, não podem conciliar os dois mundos. É uma questão de direito, de justiça e de transparência. É, acima de tudo, uma questão de respeito perante aqueles que os elegeram.

O investigador Neil D. Lawrence, no seu recente livro “Humano, Demasiado Humano- o que nos torna únicos na era da Inteligência Artificial”, afirma o seguinte: “O que está certo depende das circunstâncias.” O que ele tenta dizer é que, nos temas da computação e da ciência, é difícil alinharmo-nos em torno da “abordagem certa”. Porque, em presença de múltiplas variáveis, existe uma dificuldade demasiado grande em concluirmos acerca do que está certo.

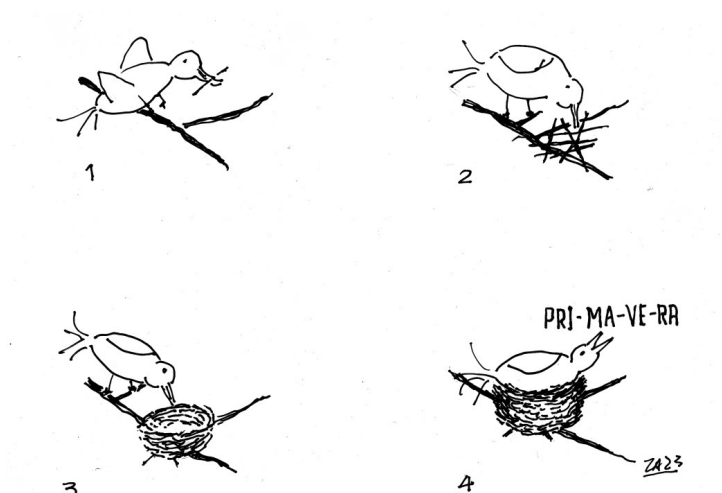
Talvez seja a este domínio de abstração que recorrem os políticos que misturam negócios privados com altos cargos públicos. Ou aqueles que, já indiciados e sem quaisquer remorsos, reclamam persistentemente da chamada “judicialização da política”. Contudo, eu analiso este fenómeno de forma bem mais simples. Os que pensam assim, aqueles que recorrem a tal relativismo moral para justificarem o seu comportamento, são os indefectíveis: aqueles que não se conseguem contrariar, aqueles que se julgam infalíveis, ou aqueles que julgam que não podem ser destruídos.

E assim será, se nós quisermos!

O SENHOR COMEDIDO

Nunca se excedia. Um dia, a atravessar a linha do comboio, foi colhido. Quem viu gritou, a virar a cara para o lado. Ele, mãos a palpar o vazio, à procura de si: “la-me magoando...”

Augusto Baptista



5

FICHA TÉCNICA

Milha 12 - Gazeta Cooltural
Maio de 2025

DIRETÓRIO COLETIVO

José Brandão de Sousa | Nuno Araújo | Paula Sousa |
Paulo Monteiro

MORADA

Rua António Bernardo 500, 2ª fase, 5º Esq
3720-301 Oliveira de Azeméis

REVISÃO

Paula Sousa

DESIGN E COMPOSIÇÃO GRÁFICA

Paulo Monteiro

COLABORADORES DESTE NÚMERO

Augusto Batista | Augusto Lemos | Carlos Cunha |
Carminda Oliveira | Helena Terra | Isabel Costa |
João Monteiro | José Emídio | Luís Barbosa | Luís
Quintino | Magui Ramalho | Matos Barbosa | Paula
Sousa | Paulo Monteiro | Rosa Melo | Rui Gomes

PROPRIETÁRIO

Clube Literário de Oliveira de Azeméis

ESTATUTO EDITORIAL

milhadoze.wixsite.com/milha-12/estatuto_editorial



milhadoze@gmail.com



milhadoze.wixsite.com/milha-12



milhadoze



Milha Doze



Águas de março

E a primavera chegou, molhada. Ninguém mais confia nas previsões, afinal, o aquecimento global vira tudo do avesso. Ser meteorologista torna-se um martírio: a cada boletim, um risco de cair no ridículo. Mas para a senhora que vende guarda-chuvas na porta da estação, não há mau tempo.

Chove a cântaros. A rua, alagada, arrasta lixo em redemoinhos, que se acumula na sarjeta ao lado de um candeeiro que pisca como se hesitasse entre a vida e a morte. O caos climático está instaurado, mas as vendas de guarda-chuvas vão bem. Já o meteorologista, coitado, olha pela janela com uma réstia de esperança no estio que prometera horas antes no telejornal.

Meio-dia. O entra e sai do trabalho segue frenético. Roupas encharcadas, sapatos afundados em poças, rios de água improvisados. Na rádio, uma notícia animadora: as barragens estão cheias, e as comportas abertas. O país já não sofre com a seca; agora, enfrenta outro perigo. Uma onda gigante, anunciada como a maior da história, atrai surfistas de todo o mundo. Portugal tornara-se o centro do universo aquático.

E então vem a epifania.

"Temos um recurso valioso!", exclamam os tecnocratas. "Vamos engarrafá-lo e vendê-lo para a Europa!". O governo agiu rápido: promulgou a Lei da Água, declarando toda a chuva património do Estado. Firmou-se uma parceria público-privada. Máquinas modernas foram instaladas. Campanhas agressivas conquistam os mercados globais. A "Água Milagrosa Portuguesa" ganha fama internacional. Especialistas projetam um boom económico capaz de estampar o país na capa do "The Economist".

O povo celebra. O milagre do "ouro azul" incendeia os sonhos dos empreendedores. Mas onde há lucro, há esperteza: máquinas clandestinas surgem engarrafando a preciosa substância. Carrinhas transportam o líquido ilegalmente, num tráfico comparável ao de substâncias ilícitas. Só que agora, a mercadoria é essencial à vida. Água é vida, portuguesa com certeza!

O Estado tenta conter a desordem. Cria selos de qualidade, comissões de inquérito, gabinetes jurídicos. Nada adianta. A criminalidade institucionalizou-se. Armazéns clandestinos são invadidos, mas os suspeitos são sempre os mesmos, e o povo, crédulo, aceita as versões oficiais. Tropas são enviadas para vigiar fontes e captações naturais. Em vão.

Então, um castigo divino: a chuva para de repente. Duas semanas sem uma gota. As exportações dispararam. Barragens secavam. O governo decreta cortes no abastecimento e aumenta as taxas sobre o bem precioso. A revolta cresce. Saques em supermercados, repressão policial, manifestações violentas.

Três meses depois, o país, sedento, entra em colapso. As reservas de ouro são vendidas para importar água engarrafada da Europa. Garrafas caríssimas, rotuladas como "Água Milagrosa Portuguesa", engarrafada em Portugal, mas revendida ao próprio povo como um luxo inalcançável.

A primavera chegou, seca.

Paulo Monteiro



É ISTO A PRIMAVERA?!

José Brandão de Sousa

No início dos anos 90, foi-me confiada a missão de criar em, Moçambique, uma empresa de construção de infraestruturas de telecomunicações. Aquela coisa de enterrar cabos, instalar postes e torres, passar fios, ligar telefones. A empresa já existia juridicamente. Tinha sócios, tinha capital social. Faltava, agora, criá-la. Criá-la, mesmo. No terreno!

O aspeto crucial desse processo era o recrutamento e a formação dos trabalhadores. Foi feita, em Moçambique, uma seleção de quinze trabalhadores para constituírem o núcleo de arranque da empresa. Entendeu-se por bem que deveriam fazer um estágio em Portugal. O estágio incluía uma parte inicial de formação teórico-prática e, depois, seriam integrados em equipas de trabalho que estavam dispersas pelo País.

No total, seria uma permanência de quatro meses em Portugal. Foi uma medida acertada, pois permitiu melhorar substancialmente as capacidades técnicas dos trabalhadores. Além disso, serviu para criar os procedimentos, as dinâmicas e os ritmos de trabalho próprios de empresas privadas. Lembra-se que, à época Moçambique acabava de sair de uma economia quase totalmente estatizada. Um dos trabalhadores chegou, mesmo, a dizer-me, já em Moçambique, que se não fosse aquele estágio em Portugal, eu teria muita dificuldade em criar a empresa com o desempenho que ela tinha atingido. Se não fosse isso, “se não tivessem experimentado como se trabalhava na Europa, os trabalhadores iriam considerar-me mais um colonialista que vinha escravizar os moçambicanos”. Esse tempo já tinha acabado!!

O problema com o estágio é que começou nos primeiros dias de janeiro. Naquele ano, o inverno foi particularmente agreste.

Muita chuva e frio. Para quem tem de trabalhar no espaço exterior é muito duro. Sobretudo, para quem vem de um país tropical, do hemisfério sul, onde dezembro é o pico da estação quente.

Lá se iam comprando agasalhos, mas os queixumes eram frequentes, porém compreensíveis. Eu explicava que no inverno era assim, mas quando viesse a primavera, ah! quando viesse a primavera, o tempo melhoraria.

- A primavera? Quando é isso?

- Já não falta muito. Em março. No dia 21 de março. Vocês vão ver! – animava eu.

Aqui convém lembrar que Moçambique tem um clima tropical. Só tem duas estações: a das chuvas e a estação seca. Não há cá essas estações intermédias como o outono e a primavera. A estação das chuvas é quente e húmida (chove muito); a estação seca é mais fresca, à noite arrefece e chega a formar-se orvalho, conhecido por aqueles lados como “cacimbo”. Conta-se que era nesta estação que apareciam funcionários vindos da Metrópole, (aproveitavam o clima mais ameno) para fazerem inspeções aos diversos serviços do Estado. Ficaram conhecidos como os “inspetores do cacimbo”.

Bom, explicada a mecânica das estações em Portugal, os ânimos serenaram na ansiosa expectativa da tal de “primavera”.

E, um dia, chegou! Finalmente, a primavera chegou! Pontual. No tal dia 21 de março.

Mas foi um dia de temporal que até trovoada e queda de granizo meteu.

Nesse dia, a minha credibilidade junto dos trabalhadores atingiu o mínimo histórico! Afinal, o chefe não era de confiança



GAZA

João Monteiro

Alma cativa, quem te chacina
Bocas que devem pecados ao fogo
Grão de farinha, peneira a sina
Colhe todo o fermento demagogo
Como largar a pele morta de um povo
Alma cativa, grão de farinha
Amassa o pão e constrói-te de novo

Hora de parte, porta estandarte
Quem definiu uma linha amarela
Cor da má sorte, encanto da morte
Que desce à terra vestida de estrela
Sagrada tinta de um conto tão velho
Cor da má sorte, encanto da morte
Hora de atraso é escrita a vermelho

Quem tão bem canta, seus males espanta
Contra força da mão fria de ferro
Nesta garganta há guerra santa
Sobra tanta gente muda de berro
Portadores da voz do espírito eterno
Quem tão bem canta, seus males espanta
Canto celeste à boca do inferno

Renova-se o pacto, assinam contrato
Cobra-se o favor com as armas da paz
Poder tão alto, tomado de assalto
O pesar do mundo balança para trás
Peso tão bruto tão pouco capaz
Sonho que se arrasta num passo lento
Poder tão alto, tomado de assalto
Viver acordado e não no lamento

era uma vez uma árvore de copa larga
a quem chamavam harmonia
à sua sombra todos falavam e discutiam
uns a favor outros nem tanto e muitos contra
e no final
todos colhiam frutos maduros de nome PAZ

tronco antigo
muito vivaz
tal criatura
é bem real
e esta história
fenomenal
de espantar
é verdadeira
haja quem queira
experimentar

Augusto Batista



Será que todas as primaveras são iguais?
Exuberantes, a invadir silenciosamente cada lugar
com toda a propriedade, sem inibição, e a regressar a
cada ano, na hora marcada, em solestício celebrada?
Com odores inebriantes a pairarem no ar em danças
dissimuladas, sem compasso certo,
estipulado, mas ao sabor do vento e da brisa, que a
todos magnetiza?

Não, nem todas as Primaveras são iguais.

A tal Primavera que veio acompanhada de vozes que
se tornaram livres ao raiar do dia, que romperam o
silêncio e as mordanças e abraçaram o que já por
direito lhes pertencia, a liberdade.

Essa Primavera, memorável, veio acompanhada de
sorrisos que pintaram as ruas de esperança a erguer-
se no símbolo vermelho e na espontaneidade de um
gesto que marcou a história.

Magui Ramalho

Abstracção

Nos objectos, em horas tristes,
escuto apenas a melodia dos seus conceitos.

Sinto-me no coração da imagem
desta casa que existe, em frente,
e vejo o cisne e o canto da distância, já ali:
na rua, no lago, na vertente.

Na casa, em frente,
esteja onde estiver,
vejo apenas a mesma casa
sem cenário nem geografia.

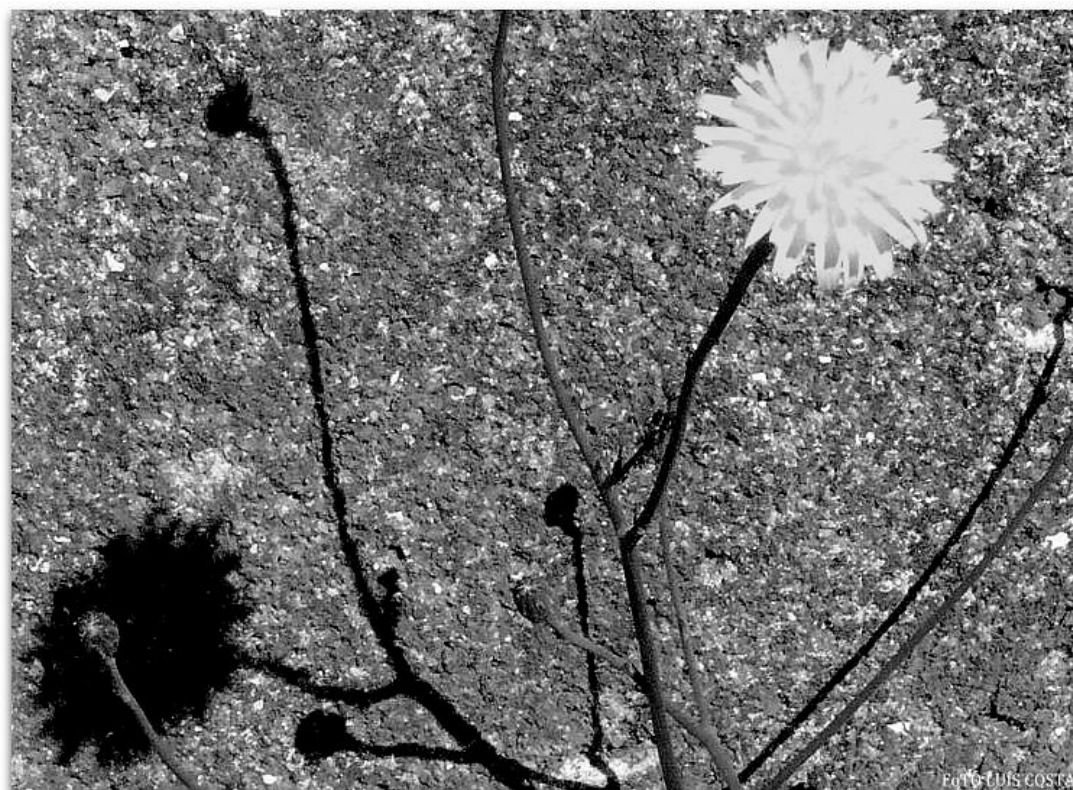
Sinto-me em face das coisas,
semeadas e a crescer no tempo,
nas ruínas do espaço.

Quando desço esta rua, não a desço.
Apenas desço uma rua
porque desceria outra rua qualquer.

Aquela colina e este jardim
não são de si nem de ninguém.
São só o sangue que corre
em todo o jardim e em cada colina.

Sou um ser abstracto.
Apenas em movimento
quando navego na barca do tempo
em rio que não desagua.

Augusto Lemos, 1978



Fotografia: Luís Costa

ANDORINHAS

Aves alvinegras
Que me encantam!...
Cruzam o céu!...
Belezas da Natureza!...
E as de barro?!...
As andorinhas que tinha
A parede da entrada pela cozinha
Da nossa casa?!...
Uma, coitada, já sem uma asa!...
Que saudade, mãezinha!...
Agora ninguém as tem
(até dizem que é parolo)
Mas para mim essa imagem
Ainda me dá consolo.
E as verdadeiras,
Que me embalavam o sono
A pipilar nos beirais,
Agora não voltam mais!...
Anunciavam a Primavera.
Mas a Natureza já não é como dantes.
Já nada é como era.
Trocamos-lhe as voltas
E já nem tu, andorinha...
Voltas!

Carmina Tavares de Oliveira



Ilustração: PM

Primavera

Helena Terra

Não cheira a rosas, lírios do vale ou jasmim.
Não há orvalho matinal.
Ainda não se sente o odor melado e quente a flor de laranjeira.
Nada do que nesta altura era habitual!
Na minha infância não era assim...
O ano tinha quatro estações.
Tínhamos outonos, invernos, primaveras e verões.
Agora, ainda não brotam pampilhos da terra,
Nem se vê a urze na serra.
Não cheira a erva acabada de cortar
Nem se ouvem pássaros a chilrear.
As andorinhas ainda não voltaram ao meu beiral
E que bom que é vê-las chegar,
Vindo de outras paragens para nidificar!
Já nada é o que era...
Mas no calendário já é primavera!

da poesia

Rosa Melo

desde que a poesia saiu à rua
tenho-a visto trajando as cores
mais várias e inesperadas
há dias em que corre desenfreada
outros assiste sentada às sem-vergonhices
da Humanidade e tem vontade de assentar
umas boas palmadas no lombo dos porcos
desclassificando-os na maratona
da matança e patifaria espantosas
sem nome que se lhes dê

Cartas a Margarida

PRIMAVERA DE PLÁSTICO

Paula Sousa

Querida amiga Margarida,

Hoje partilho contigo mais um assunto que me entristece.

A chegada da primavera traz boas notícias em termos meteorológicos, mas também muita preocupação ambiental. Com o bom tempo a multiplicidade de eventos ao ar livre deixa a natureza à beira de uma síncope, um completo ataque de nervos. Seja porque os turistas resolvem levar nas suas malas os *recuerdos* de conchas de todas as formas, cores e feitios, ou seja porque o chão se entapeta de descartáveis plásticos, o que é facto, é que na aldeia mais deserta ou na cidade mais populosa, as pessoas não têm cuidado com o que fazem e o copito bebido na festa e deitado ao chão, mais cedo ou mais tarde vai acabar no oceano. Quem diz copo diz pontas de cigarro, sobretudo destes novos, cuja tendência tem estado a aumentar e que se servem de muitos componentes não perecíveis.

Com a primavera chega, também, a vontade das esfoliações de pés, cara, corpo, branqueamento dentário, coisitas que ninguém se pergunta de que é feito ou se preocupa em saber ou perguntar. Tudo em nome de uma melhor aparência de corpo cuidado e desnudado de aspeto *clean*. Mas o Karma é tramado e a Lei de Murphy não perdoa...

Os produtos de higiene e os descartáveis são grandes responsáveis pela poluição plástica dos oceanos, já que 70% dos microplásticos têm a sua origem em cada um de nós.

Sim, em nós mesmos e nos nossos hábitos. Isto tudo até poderia não fazer a menor importância, não fossem estes ingeridos pelos seres vivos que nos chegam à mesa sob o epíteto de boa mesa/dieta mediterrânica com o “peixe de captura fresquinho acabadinho de apanhar”.

Pois, é... o Karma é terrível e a Lei de Murphy também... Os últimos estudos, minha cara amiga, indicam que o cérebro do ser humano já conta, não só com os neurónios, mas com uma quantidade de microplásticos considerável.

Dá que pensar não dá, cara Margarida?! Agora diz-me: o que devo eu pensar daquele vizinho que recorrentemente não dá 20 passos à direita até ao ecoponto, só porque o lixo fica mesmo à frente do seu nariz?!... Será que usa palas?

Eu que sou amante da natureza, com esta me despeço,

Zezinho

O MILHA 12 TEM
PREOCUPAÇÕES
AMBIENTAIS.

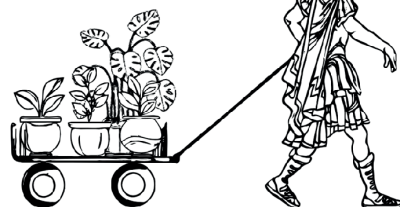
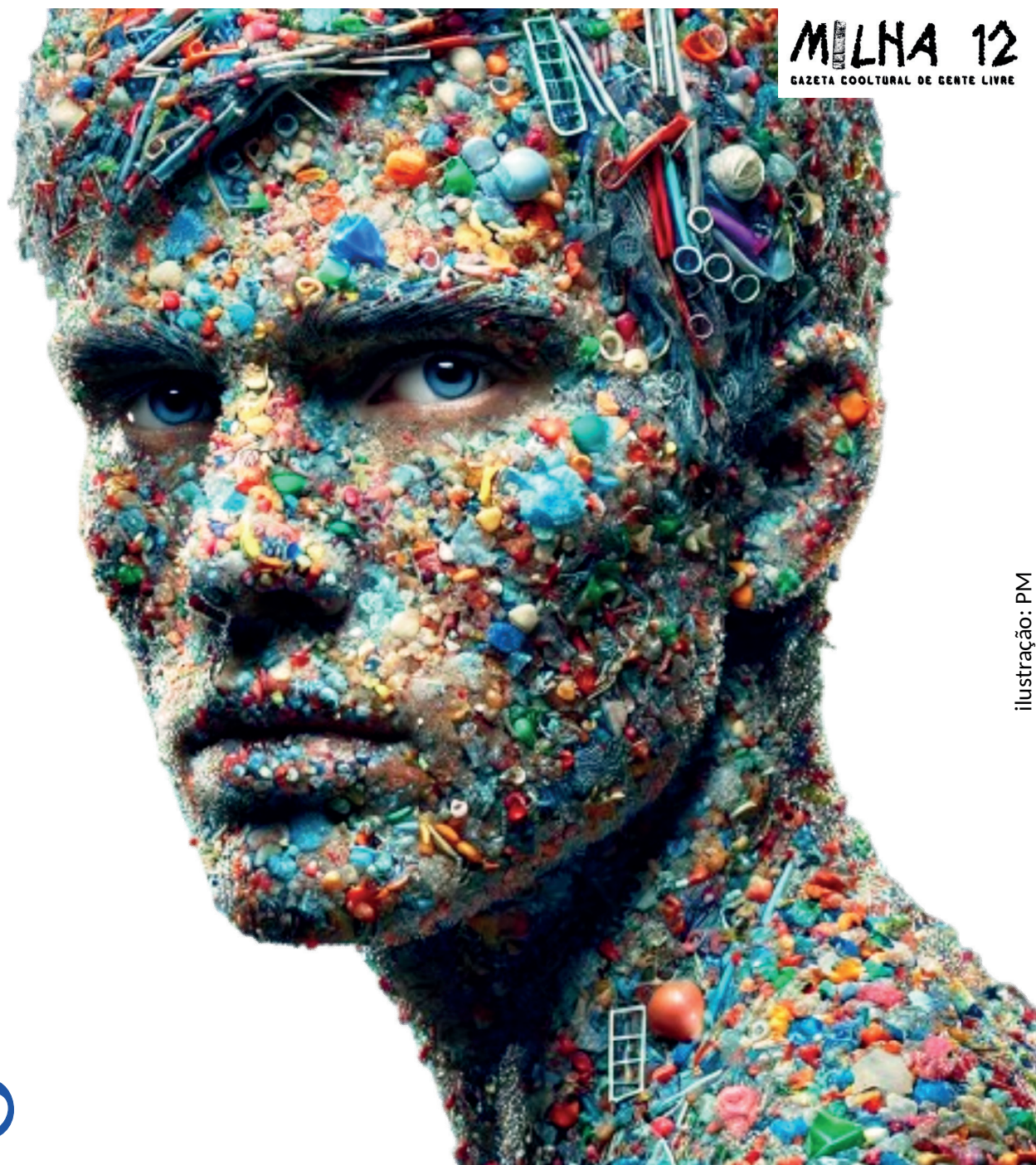


ilustração: PM



MILHA 12
GAZETA COOLCULTURAL DE GENTE LIVRE

À mulher

Isabel Costa

Rasga as gazes dos olhos
e reinventa a sorte
nos prados verdes de mil braços
Crava-te no tempo cimento e poste
esfarrapa as noites e os trilhos
e estrofia febres e cansaços
Quando acordares vai ser manhã
vais ter filhos no ventre
para te chorar após a morte
como os choraste na alcova
Vais soltar atilhos sorrir somente
vais cozer pão coser roupa fina
Vais ser a heroína da dor ausente
a que se ilumina nos próprios passos
Vais ser mulher desembaraços
Vais ser o que és e sempre foste
a resistente
a porta-voz da boa nova



Desenho: José Emídio